

# Economia

GOVERNO

A possibilidade de um congelamento de preços voltou a ser discutida no governo, como você verá nesta página.

Nos supermercados, porém, a decisão já está tomada: diante da retração do consumo, a ordem é oferecer preços baixos (página 9).

Os produtos importados, porém, vão continuar caros, apesar das novas tarifas de importação (na 10).

# Sarney quer um choque

Diante de uma inflação que teima em aproximar-se dos 20%, já há sinais claros de que nos próximos meses um novo choque pode ser aplicado na economia, como as informações que o governo começa a colher sobre a experiência de diversos países que optaram pelo congelamento de preços para combater a escalada inflacionária. Essa tendência será confirmada, nos próximos dias, pela viagem que uma equipe de economistas do Banco Central e do Ministério da Fazenda fará ao México — país que desenvolve uma experiência de redução drástica da inflação por um congelamento respaldado em pacto entre governo, empresários e trabalhadores.

“Ele não vai terminar seu governo sem fazer um novo choque na economia.” Essa frase foi dita por um importante colaborador do presidente Sarney, que o acompanhou na recente viagem aos Estados Unidos. Durante a viagem, o presidente teve a oportunidade de conversar com as autoridades do México sobre os resultados do choque detonado em dezembro do ano passado.

Mas não é apenas o México que desperta a atenção do governo brasileiro. Há poucos dias estiveram na Argentina o chefe do departamento econômico do Banco Central, Sílvia Rodrigues, e o assessor especial do ministro Mailson da Nóbrega, Raimundo Moreira. Oficialmente, eles foram analisar o projeto de reformulação do sistema financeiro na Argentina, apoiado pelo Banco Mundial e que o Brasil também pretende executar.

Os economistas que viajarão ao México, segundo fontes do Ministério da Fazenda, terão a tarefa de estudar o projeto mexicano de conversão da dívida externa para estimular as exportações. “Mas nada impede que um economista atento aproveite a oportunidade para colher dados e observar o que se passa com a economia de outro país”, acrescentou uma fonte.

Um terceiro grupo de econo-

mistas desembarcará nos próximos dias em Israel, mas o ministro João Batista de Abreu, do Planejamento, garante que a missão será estudar os métodos utilizados pelo governo israelense para montar o orçamento da União com indexadores para as diversas rubricas, como quer fazer o Brasil. São estes os quatro economistas incumbidos do trabalho: Ignácio Barreira Danziatto, Mada Marília Magalhães Rocha, Fábio de Oliveira Barbosa e João do Carmo Oliveira.

Técnicos da área econômica constataam algumas semelhanças entre o estágio da economia israelense dos anos 84/85 e da brasileira de hoje. Naquele período, Israel enfrentava um alto em déficit público, uma inflação de aproximadamente 500% e uma dívida externa elevada. Além disso, o país fazia grandes transferências de divisas para o exterior, por conta da dívida e do descontrole inflacionário, que provocava a fuga de capitais.

Desde que assumiu o cargo, em dezembro do ano passado, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, tem sustentado que a decretação de um novo choque na economia, com congelamento de preços e salários, redundaria em fracasso. O déficit público — segundo ele argumentou — continuaria a alimentar pressões inflacionárias. Mas ainda durante as discussões sobre o congelamento da URV para o funcionalismo público, que se arrastaram pelos meses de fevereiro e março, o presidente Sarney chegou a se dizer favorável a um congelamento de preços, amparado, inclusive, no descontentamento da área militar, que resistia ao congelamento puro e simples do salário das corporações. A tese de Mailson, de que sem cortar o déficit o congelamento fracassaria, como ocorreu com o Cruzado e o Plano Bresser, terminou prevalecendo, mas agora o governo dá sinais de que pode optar pelo choque. “Alguma coisa vai ter que ser feita”, comentava ontem uma fonte da área econômica.

